

QUEM RI POR ÚLTIMO RI MELHOR: COGNIÇÃO E HUMOR

Luciana Beatriz Bastos Avila
Universidade Federal de Viçosa¹

ABSTRACT: This work aims at studying the comic effect in jokes and tries to explain the cognitive operations which involve this kind of discourse, taking the sociocognitive hypothesis (Salomão, 1997, 1999) and the blending theory (Fauconnier; Turner, 2002) as frameworks, to examine some jokes collected unsystematically in websites and newspapers.

Tentaremos delinear neste artigo as relações que se estabelecem entre cognição e humor. A ideia para desenvolver um trabalho sobre o discurso humorístico, e especificamente sobre piadas, deve-se a seu papel na dinâmica social, à fascinação que gera, ao tempo em que é prosaico e corriqueiro o caráter desse gênero e, a despeito disso, são complexas as operações cognitivas que realizamos para produzi-lo e compreendê-lo e, a partir disso, fazer irromper o riso.

A pesquisa nesse campo tem despertado (mesmo que em caráter periférico) o interesse de estudiosos de diferentes persuasões e diferentes áreas do saber, como a psicologia, a sociologia, a filosofia, a literatura, no entanto, sob a perspectiva da linguística, os estudos ainda são limitados.

A proposta aqui é estudar os processos de significação no discurso humorístico, dentro do enquadre teórico sociocognitivista, tendo como objeto o estudo de desconstrução de expressões linguísticas convencionais, desencadeadora do uso no gênero piada ou chiste. O foco se situa no processo de significação (COMO as piadas significam) e não na interpretação de piadas (O QUE significam). Assim, o objetivo deste estudo é desvendar o processamento do humor, descrever as estratégias linguístico-discursivas, de que este se serve para produzir o efeito cômico das piadas.

¹Aluna de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação da Prof. Heliana Ribeiro de Mello, desenvolvendo pesquisas na área de Linguística de Corpus, em torno da relação entre a noção semântica de modalidade e a abordagem construcionista da linguagem.

1) A questão do significado

Os estudiosos da linguagem vêm, há algumas décadas, apontando as limitações das teorias que acompanhavam a dicotomia saussuriana *langue/parole* e, também, tentando a ruptura com tais modelos e a superação desta divisão inaugural. Começam a ser pauta na agenda linguística outros aspectos não circunscritos ao domínio estrito da linguagem, entre eles o contexto, a interação, a cognição, rompendo-se as fronteiras de análise focadas nas unidades linguísticas (fonema, morfema, cláusula, período).

A questão do significado ocupa lugar nos estudos filosóficos desde os pré-socráticos, vindo a tornar-se o centro das discussões da filosofia em finais do século XIX. As concepções realista, mentalista e pragmatista do significado, como as definimos hoje, fundam suas raízes na Antiguidade Clássica².

O objetivo da Semântica é fazer observações/afirmações acerca do significado. Várias teorias de diferentes persuasões têm tentado responder à seguinte pergunta geral: “o que é o significado?” e, ainda, a outras questões, intimamente relacionadas entre si, que emergem a partir desta primeira, como: a universalidade, o poder figurativo da linguagem, a composicionalidade e as relações sistemáticas entre os significados.

No entanto, a Semântica vem sendo tradicionalmente considerada pelos linguistas como um campo de investigação menos nobre dentro dos estudos da linguagem. De fato, a ciência da linguagem se desenvolveu priorizando os aspectos formais das línguas naturais. Os fenômenos relativos à significação foram deixados à margem, uma vez que, segundo alguns estudiosos, o significado era objeto impreciso e estudá-lo implicaria menos rigor científico à matéria. Seria, pois, um estudo menos “amarrado”, digamos, do que, por exemplo, a fonologia ou a morfossintaxe, áreas consideradas mais delimitáveis.

O significado parece, a princípio, o traço mais óbvio da linguagem e o aspecto mais obscuro a ser estudado. É óbvio porque ele desempenha papel central na linguagem, é a razão para usá-la — para a comunicação, para transmitir o que se quer dizer. Mas os passos para a compreensão de qualquer coisa não são tão automáticos e rápidos; a rigor, a fenomenologia do processo significativo é vastamente impenetrável à percepção consciente.

² Apesar de a linguagem não ter sido o problema central das questões filosóficas da Antiguidade Clássica para a explicação da relação do homem com a realidade, podemos observar nos projetos teóricos dos filósofos gregos um embrião do que hoje caracterizamos como teoria do significado. Já em Platão, em Aristóteles e nos sofistas, percebemos uma preocupação com a linguagem, no sentido de responder como se dá (ou não) sua correspondência com a realidade.

Em contraponto à concepção formal do significado, lingüistas alinhados à Semântica Cognitiva argumentam que os julgamentos de verdade ou falsidade dependem de como o sujeito constrói uma determinada situação, de acordo com o seu aparato conceptual. Segundo tais pesquisadores, não existe a separação entre conhecimento linguístico e cognição.³ Eles entendem que a significação é uma representação mental produzida para e pelos seres humanos e a linguagem apenas fornece pistas que orientam a construção do sentido, é a ponta do iceberg, desencadeadora de operações cognitivas. Nas palavras de Fauconnier (1994, p. xviii, tradução nossa):

(...) a linguagem não realiza por si a construção cognitiva – ela oferece pistas mínimas, mas suficientes para localizar os conhecimentos e princípios apropriados a operar em cada situação (...) de tal modo que a representação resultante excede em muito a informação explícita (...).

É justamente a essa visão de linguagem que se vincula a Hipótese Sociocognitiva da linguagem, à qual a presente pesquisa se filia, e que detalhamos a partir de agora.

2) A hipótese sociocognitiva

A hipótese sociocognitiva da linguagem é moldura teórica que adere ao pensamento cognitivista sobre o processo de construção do sentido e também busca apoio nos trabalhos de sócio-interacionistas. Tal hipótese aceita o desafio cognitivista de romper com a noção de que apenas é possível estudar as sentenças isoladas de seu contexto de enunciação. Assim, funda-se em duas premissas: (a) o princípio da escassez da forma linguística e (b) o princípio do dinamismo da determinação do contexto de uso.

2.1) A construção do sentido

O primeiro princípio, o da escassez da forma linguística, caracteriza-se pela subdeterminação do significado pelo significante.⁴ Como já explicitado anteriormente, o significante funciona como orientador do sentido, o qual, portanto, não se configura como

³ Fauconnier (1997, 7-8) afirma que “a teoria da linguagem sofre quando está restrita à linguagem”. Apesar dos cognitivistas californianos destacarem que a “a cognição humana é um processo contextualmente configurado”, as análises empreendidas pelo grupo, em sua fase inicial, deixavam de lado os exemplos das comunicações on-line (interações) e, também, não levavam em conta as outras semioses co-ocorrentes (dados paralinguísticos, culturais, corporais etc.).

⁴ Na elaboração de Fauconnier (1994, xxii): “A linguagem não porta o sentido, mas o guia.”

uma propriedade inerente à linguagem, mas como produto de operações que supõem a negociação entre os interlocutores.

(i) A hérnia de disco do 116 foi para a sala de cirurgia.

e

(ii) Por carregar muito peso, João Márcio fez uma hérnia de disco.

Na primeira sentença, entendemos, por uma projeção metonímica, que o paciente que sofre de hérnia de disco, internado no quarto 116, subiu para a sala de cirurgia. Já na segunda oração, temos uma interpretação mais direta sobre a situação do senhor que adquiriu por esforço uma hérnia de disco. Quer dizer, para o mesmo SN [hérnia de disco], construímos dois sentidos diferentes, de acordo com o contexto de enunciação.

Essa perspectiva poderia resultar no erro de não se limitar as possíveis interpretações das formas linguísticas. Salomão, dessa maneira, postula que o processo de significação é uma “construção mental produzida pelos sujeitos cognitivos no curso de sua interação comunicativa” (SALOMÃO, 1997, 26). Depreende-se que o significante e outras semioses co-ocorrentes acionam processos cognitivos que produzem o sentido dentro de uma determinada moldura comunicativa. Ela confirma **a dimensão pública da interpretação**.

(iii) Um transeunte, passando pela rua, interrompe um pedestre com a seguinte pergunta:

— O Sr. sabe onde fica a Av. Sete de Setembro?

— Sei, ele responde.

E continua seu caminho.

Ora, nesse contexto comunicativo, a resposta preferencial não seria uma resposta sim/não. O ato de fala aqui é um pedido de informação ao pedestre que deveria indicar, se soubesse, o caminho ao transeunte. Vejamos, no entanto, um outro contexto.

(iv) Maria precisa pegar uma encomenda na Av. Sete de Setembro, mas está impossibilitada de ir até o local. Assim, pede para uma amiga:

— Você sabe onde fica a Av. Sete de Setembro?

— Sim.

— Você poderia, por favor, pegar uma encomenda lá pra mim?

— Por que não?

No exemplo (iv), temos, claramente, uma resposta sim/não para a pergunta, que é imediatamente compreendida pela ouvinte, o que não foi o caso do pedestre em (iii).

Dessa forma, na consideração de Turner (1996, 206, tradução nossa):

As expressões não significam; servem-nos como ponto de partida para a construção de significados, operando por processos que já conhecemos. De modo algum, o sentido de uma elocução está exatamente nas palavras. Quando entendemos uma elocução, de modo algum, estamos entendendo apenas o que as palavras dizem; as palavras por si só não dizem nada independentemente do conhecimento ricamente detalhado e dos poderosos processos cognitivos que trazemos à luz.

A visão cognitiva “em progresso” de interpretação dos significados contraria a visão objetivista de interpretação, na qual os significados de uma expressão linguística devem corresponder a condições de verdade, isto é, devem encontrar um referente em “universos possíveis”.

Assim, é necessário examinarmos o segundo princípio detalhado por Salomão (1997).

2.2) A participação comunicativa do contexto

A hipótese sociocognitiva funda-se no tripé: cognição, interação e gramática. O enfoque está no caráter social da cognição, uma vez que o processo de construção do sentido passa necessariamente pelo reconhecimento do outro. O contexto, assim, é encarado como uma dimensão ativada temporal e sequencialmente, que restringe o trabalho de interpretação seja por via do gerenciamento da interação, seja por via da negociação do sentido.

Sociocognitivistas tomam a noção de contexto de modo dinâmico, como concepção fenomenológica, ou seja, “modo de ação constituído socialmente, sustentado interativamente e temporalmente limitado”, como explicitado por Goodwin e Duranti (1992, 6).

Convergindo com essa proposta, Fitch (1998) defende que há uma mescla entre texto e contexto em múltiplos *frames* (enquadres) em diferentes pontos de análise, até se completar a construção do sentido. A autora, a partir das críticas da análise do discurso à etnografia tradicional, observou que a limitação dos etnógrafos estava justamente nos modelos hierárquicos de texto e contexto. Assim, propõe que “para os etnógrafos, texto e contexto podem realisticamente ser considerados a mesma coisa” (FITCH, 1998, 94). Para ilustrar sua concepção de texto e contexto, a autora utiliza a ‘metáfora da câmera’. Em um livro de pinturas, com uma série de imagens que se encaixam umas nas outras, a imagem posterior incorpora a anterior, como uma ampliação da cena. A câmera parece mover-se sempre para mais longe, mudando o significado da pintura anterior. Como o enquadre muda para incluir mais contexto, o que começa como texto (evento focal) torna-se parte do que primeiro se chamou contexto. Os textos estão a tal ponto encaixados em seus contextos que não podemos separá-los.

O presente estudo apoia-se em conceitos-chave da Linguística Cognitiva, os quais vamos delinear na seção que segue.

3) A Teoria dos Espaços Mentais

Originalmente elaborada para responder a problemas clássicos no tratamento de referência, a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997) mostra-se bastante produtiva no que diz respeito a explicar diferentes fenômenos semânticos e pragmáticos.

Os espaços mentais, representados diagramaticamente em círculos, são definidos como domínios conceptuais precários, construídos localmente, operadores temporários do processamento cognitivo. Não são estáveis, mas sim domínios construídos em interação, a partir de marcas linguísticas e contextuais, os chamados *space builders* (construtores de espaços mentais). Organizam-se a partir de domínios mais estáveis (Modelos Cognitivos Idealizados, Molduras Comunicativas e Esquemas Genéricos, os quais definiremos mais adiante), cuja representação diagramática se faz em retângulos.

Os construtores de espaços mentais apontam a existência de constructos mentais específicos e introduzem domínios diferentes, seja de crença, tempo, situação ou drama. Podem ser representados gramaticalmente por sintagmas preposicionais, sintagmas adverbiais, sentenças ou conectivos + cláusulas. Cria diferentes tipos de cenários, entre outros: drama (“Em *Psicose*, a mãe é o filho.”); lugar (“Em Rio Preto, a qualidade de vida é inigualável.”); crença (“Leila acredita em duendes.”); situações espaço-temporais (“Silvana e Maurício reinauguraram o Muzik no mês passado.”); hipóteses (“Se Deus é brasileiro, o Papa é carioca.”)

Os nomes e descrições estabelecem elementos nos diferentes espaços mentais e suas contrapartes são associadas pelo **Princípio da Identificação** ou **Princípio de Acesso**, que postula que uma expressão que descreve ou nomeia um elemento (o gatilho) em um espaço mental pode ser usada para acessar sua contraparte (o alvo) no outro espaço mental.

Observe o exemplo abaixo:

(v) Em *Coisas que Betty faria*, Luciana é um rapaz.

Em termos de representação temos:

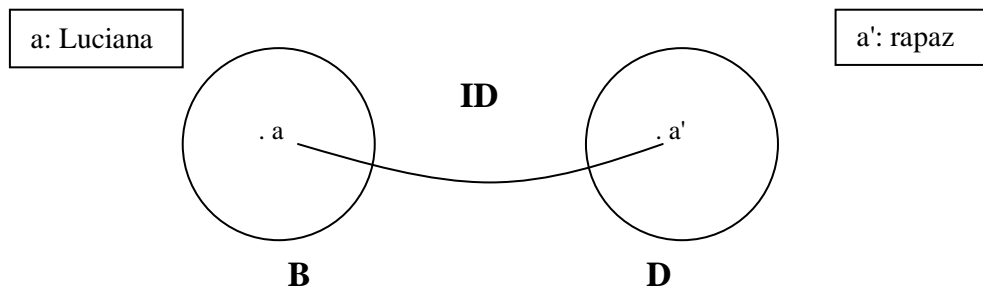


Diagrama 1 – Princípio de Identificação ou Princípio de Acesso

No espaço-base B (que, em alguns casos, pode ser tomado como espaço âncora da situação comunicativa), temos o elemento *a* ‘Luciana’ que encontra a sua contraparte *a'* representando um rapaz no espaço-drama D, estabelecido pelo construtor de espaço mental “Em *Coisas que Betty faria*”. Desse modo, a sentença acima não pode ser considerada contraditória, uma vez que as descrições são tomadas em espaços mentais diferentes.

Vejamos outro exemplo:

- (vi) Quando eu tinha 27 anos, o Toninho me jogou na piscina.

A sentença em (vi) permite ao leitor a construção de dois espaços mentais, um para a enunciação no presente (espaço-base) e outro para a época em que o falante tinha 27 anos de idade, o espaço-evento. A correspondência entre o participante focal no espaço-base e o espaço-evento é dada pelo princípio da identificação. Compartilhar as informações em dois espaços mentais permite ao ouvinte/leitor entender que o falante jogado na piscina é o mesmo que relata o fato. A vantagem da teoria dos espaços mentais é possibilitar ao ouvinte/leitor distribuir informações em vários planos referenciais constitutivos da cena.

Fauconnier (1994) propõe que a construção do sentido conta com um sistema cognitivo elaborado que completa o que não é especificado pela gramática. Esse sistema envolve conhecimentos estruturados em domínios e mapeamentos entre os elementos nesses diferentes domínios. Necessário se faz definir tais domínios estáveis, estruturas partilhadas socialmente, que orientam os falantes em suas atividades comunicativas: os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), as molduras comunicativas e os esquemas genéricos.

3.1) Domínios conceptuais

Os MCIs são esquemas conceptuais, estruturas de conhecimento pré-linguístico, tal como definidos por Lakoff (1987), produzidos por e disponíveis em uma sociedade ou cultura. Relações de trabalho, relações de gênero, relações de família são exemplos desses modelos culturais, indispensáveis à vida em sociedade.

Os domínios que prevêem uma situação de interação denominam-se molduras comunicativas. Salomão (1999, 30) deixa claro: “Molduras comunicativas presumem a definição da identidade de seus participantes, dos papéis sociais que eles desempenham, do tipo de simetria das relações entre eles, do tipo de agendas que organizam seus encontros”.

Como exemplos de molduras comunicativas, podemos ter reuniões pedagógicas, rituais religiosos, conferências etc. ou representações determinadas por uma situação social em particular como “reunião de Colegiado na Universidade Federal de Viçosa”, “enterro da Tia Zilah”, “conferência do José Bové no Fórum Social Mundial”, “defesa de monografia da Manuela” etc.

Já os esquemas genéricos são domínios conceptuais estabelecidos de maneira mais abstrata, que são estruturados a partir dos espaços fonte e alvo. Destacamos como exemplo a piada de o *Vírus Irmãos Menendez*:

VÍRUS IRMÃOS MENENDEZ: Elimina seus arquivos, toma o espaço de disco que eles previamente ocupavam, e então reclama que era vítima de abusos físico e sexual por parte dos arquivos que apagou.

Essa piada diz respeito ao rumoroso caso do julgamento dos Irmãos Menendez que confessaram ter assassinado seus pais e alegaram legítima defesa por eles abusarem repetidamente dos dois física e sexualmente, desde a infância. A natureza desse vírus é de uma falha no computador (*computer bug*).

Abaixo o esquema genérico apresentado por Seana Coulson (1996, 67):

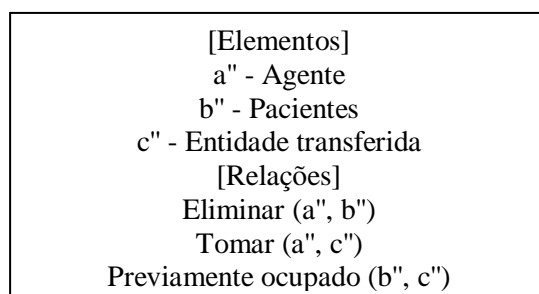


Diagrama 2 – Esquema genérico

Os domínios cognitivos partilham três propriedades, de acordo com Salomão (1999, 32),

- (a) permanência como ordens cognitivas identificáveis e evocáveis;
- (b) organização interna das informações que os constituem;
- (c) flexibilidade de sua instanciação, conforme as necessidades locais manifestadas.

3.2) Projeções interdomínios

Projeções figurativas são tradicionalmente tratadas como fenômenos periféricos. Contudo, no modelo de espaços mentais, passam a ocupar uma posição central na fenomenologia da cognição humana. Conforme Fauconnier (1999, 1), **projeções**

operam para construir e ligar domínios [...]. Em especial são inerentes ao permanente processo de construção de significados em que nos engajamos, sem dificuldade, ao conceber o mundo ao nosso redor, ao agir sobre ele, ao falar sobre ele e ao vaguear por ele em grandes saltos de imaginação, fantasia, criatividade.

Entre os vários tipos de projeções estudados por Fauconnier (1997), a mesclagem (*blending*) ocupa uma posição epistemologicamente destacada.

3.2.1) Processo cognitivo de mesclagem

A mesclagem é um conjunto de operações para combinar modelos cognitivos em uma rede de espaços mentais. Fauconnier e Turner (2002) mostraram como a mesclagem ocorre em uma grande variedade de fenômenos cognitivos e desenvolveram uma elaborada teoria sobre integração conceptual, para explicar a representação de descrições compostas.

Esse processo cognitivo é constituído de dois ou mais espaços-fonte estruturados por informações de modelos cognitivos, um espaço genérico com estruturas comuns a estes domínios, um espaço-mescla formado por estruturas parciais de cada um dos espaços-fonte e, também, estrutura emergente própria que se diferencia das dos outros espaços-fonte. A mesclagem envolve mapeamentos entre os diversos MCIs e a projeção parcial de estruturas conceptuais de espaço para espaço. Confira o exemplo abaixo:

- (vii) Um vendedor de picolés na praia passa gritando o seu bordão: “Temos Kibon, temos Yopa, temos também genérico a 50 centavos!”.

Esquemáticamente:

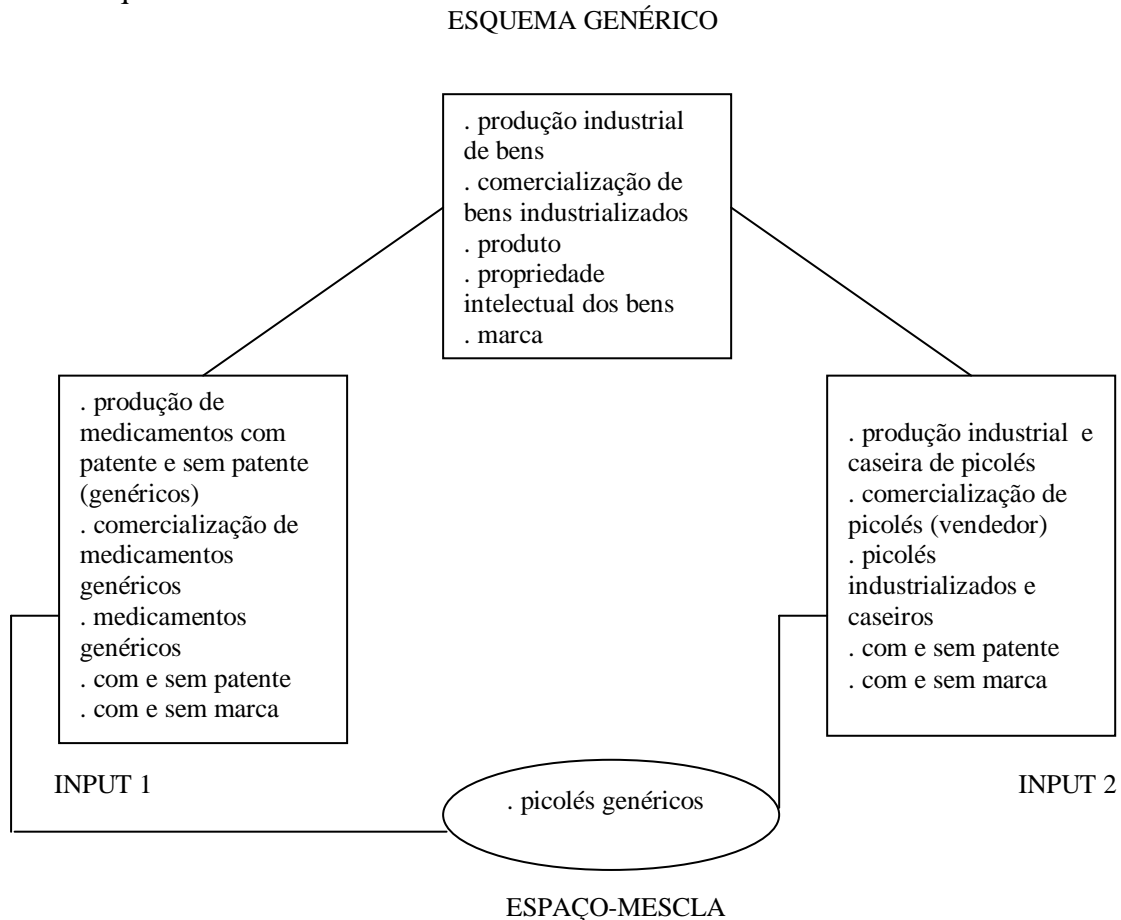


Diagrama 3 – Mesclagem picolé genérico

Constituem-se, aqui, dois espaços-fonte, o *input 1*, de produção/comercialização de medicamentos, e o *input 2*, de produção/comercialização de picolés. Esses dois domínios são hierarquizados por um esquema genérico de compra/venda. Os *inputs 1* e *2* vão contribuir para o estabelecimento de um espaço-mescla em que teremos elementos importados de 1, *medicamentos genéricos*, e elementos importados de 2, *picolés*; ambos os *inputs* compartilham os esquemas de produção e comercialização. A estrutura emergente, assim, configura-se como uma nova categoria *picolés genéricos*, picolés com a “mesma qualidade”⁵ dos picolés com patente e, no entanto, mais baratos.

Podemos encontrar outros exemplos nesse sentido na economia informal brasileira, como a venda de CDs piratas, ou CDs genéricos ou, ainda, CDs tabajaras. Os últimos inspirados no programa humorístico *Casseta & Planeta*, que lança produtos pelas

⁵ Na verdade, o atributo qualidade dos genéricos não migra para o espaço-mescla dos picolés. Parece-nos que aqui não está em jogo a qualidade, mas sim uma questão de mercado. Segundo Canclini (2002, 195), “Consagram-se como superiores certos bairros, objetos e saberes porque foram gerados pelos grupos dominantes, ou porque estes contam com a informação ou formação necessária para compreendê-los e apreciá-los, quer dizer, para controlá-los melhor”.

Organizações Tabajara, cujas características principais são o preço barato e uma opção alternativa ao mercado, produtos com relação positiva de custo X benefício.

Segundo Fauconnier (1997), a estrutura emergente pode ser desenvolvida a partir de três diferentes processos: composição, completamento e elaboração.

- **Composição** implica a simples importação de estruturas dos espaços-fonte e disponibiliza novas relações no espaço-mescla.

Ex.: O *frame* de produção/comercialização de medicamentos foi aplicado ao de picolés ou, ainda, ao de CDs.

- **Completamento** fornece estruturas adicionais às da composição, que não estão em foco nos espaços-fonte envolvidos. Importa-se estrutura, por exemplo, de informações que se inferem de outros domínios conceptuais evocados pelos espaços-fonte. O completamento também é fonte de conteúdo emergente no domínio-mescla.

Ex.: Quando projetamos mentalmente a ideia de *medicamentos genéricos*, imediatamente nos é trazida a noção de *picolés caseiros*, de preços baratos, por isso, *picolés genéricos*. Para ter sentido a cena do vendedor de picolés na praia, introduzimos um novo traço para os picolés, retomado pela justaposição de elementos dos *inputs*.

- **Elaboração** permite a conexão com domínios outros, respeitando sua lógica interna, os quais podem, eventualmente, afetar os domínios originários.

Ex.: O vendedor, em vez de picolés ou CDs, oferece medicamentos na praia. Uma vez que as conexões entre medicamentos, picolés (ou CDs) estão estabelecidas, podemos imaginar cenas as quais se desdobram em várias outras possibilidades.

Na próxima seção, vamos observar como o processo cognitivo de mesclagem opera para a compreensão de piadas, gênero discursivo do tipo narrativo, que circula em nossa sociedade, e a todos fascina.

4) As piadas

*A wit is given to ratiocination by syncopation
in the elucidation of complications
James Joyce*

Percebemos que a mesclagem é um traço característico do humor, sendo fundamental no que diz respeito a enquadrar alguns domínios em termos de outro. Nosso objetivo, neste capítulo, é observar como se dá a mudança de enquadre em piadas e, como resultado, a

reanálise semântica que é mapeada em um novo enquadre. Pretendemos investigar também o papel dos modelos culturais, que estruturam as atividades sociais, na compreensão dos exemplos humorísticos, especificamente piadas.

Assim, como premissas básicas, levantamos que:

- (a) No discurso humorístico, como em todo discurso, o processamento semântico dá-se através de projeções entre domínios conceptuais e/ou comunicativos;
- (b) Tais domínios estão em **sobreposição**, e há um processo de mapeamento cognitivo preferencial, correspondente à semântica esperada.

A partir das premissas apresentadas, orientamo-nos pela seguinte hipótese geral:

- (c) o chiste produz-se por uma projeção inesperada, pragmaticamente inadequada, resultado de reanálise semântica de uma expressão lingüística;**

Assim, propomos o desdobramento dessa hipótese geral:

- (d) o chiste vai operar pela desconstrução/segmentação de expressões estabelecidas (expressões formulaicas, expressões idiomáticas, metáforas convencionais,...) que se apresentam como comunicativamente insuficientes e que são multiplamente analisáveis.**

Não podemos perder de vista o ouvinte/leitor de piadas que, em nossa concepção, exerce papel fundamental na construção do sentido. Decorre, então, que:

- (e) para que entenda a piada, o ouvinte/leitor deve ultrapassar o efeito surpreendente e formular uma nova (e coerente) interpretação para o texto. Daí, ativará um novo esquema conceptual para reenquadrar a informação dada.

A fim de confirmar nossas hipóteses, procederemos agora à análise de algumas piadas, coletadas em sites de humor e em conversas de salão.

(a) **Problemas na Alfândega**

Joaquim chegou no aeroporto todo carregado de malas.
Quando já ia embarcar, viu seu amigo, que era fiscal da alfândega:

— E aí, Joaquim? Tudo joia? — gritou seu amigo, de longe.

Joaquim respondeu:

— **Tudo não! Metade é cocaína.**

No esquema:

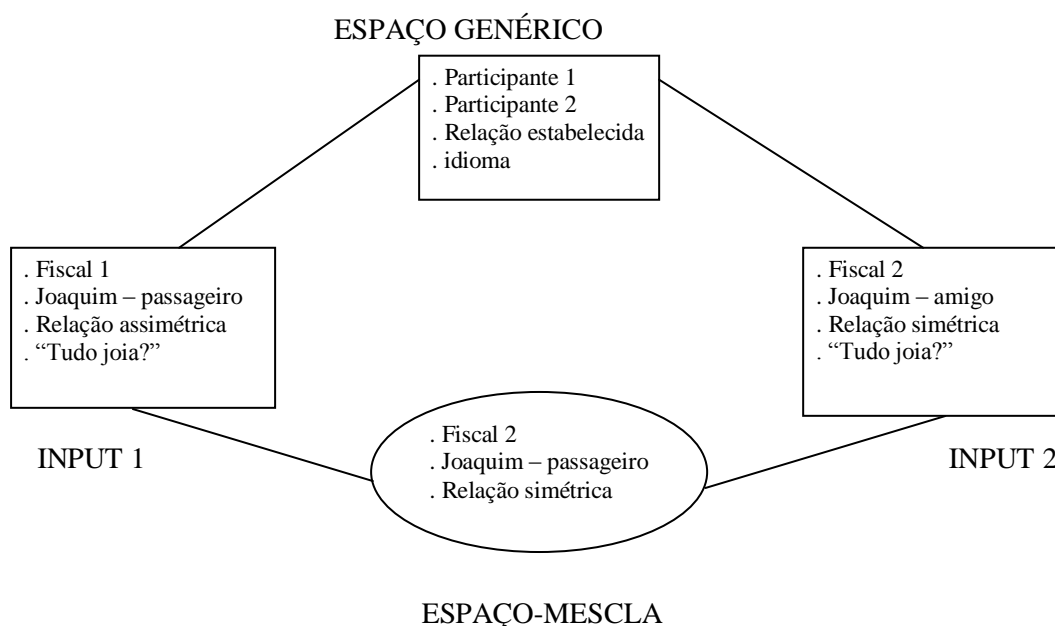


Diagrama 4 – Mesclagem “Tudo joia?”

Temos, aqui, o entrelaçamento de pelo menos dois esquemas conceituais: o MCI do “encontro amistoso” e o MCI correspondente a “procedimentos alfandegários”.

O fiscal da alfândega ativa o domínio conceptual de “encontro amistoso”, usando uma fórmula convencional como cumprimento: “Tudo joia?”. O personagem português, que constitui mais um MCI, o do “português” (identificado como participante estúpido na interação), ignorando o contexto discursivo evocado, não abandona o *frame* da alfândega, em que o amigo fiscal tem o papel fortemente marcado. No entanto, há dois movimentos que não são compreendidos por ele: o primeiro é o deslocamento de um domínio para outro, o deslocamento da moldura da alfândega para o MCI “amizade”; o segundo se refere à não-compreensão das conseqüências práticas de se revelar o delito. Dessa lacuna na compreensão de que a expressão “Tudo joia?” dizia respeito a outro domínio mais estável (o da amizade) e de que “tudo” e “joia” formam uma **expressão formulaica** que significa “Como vai?” ou “Tudo bem?”, surge a possibilidade de segmentação da expressão e da construção de uma

significação mais literal (ou, ao menos, mais concreta) para “tudo” e “joia”, o que resulta no efeito cômico da narrativa.

Percebemos, assim, que a possibilidade de dupla interpretação da expressão, via não-deslocamento entre domínios, provoca a desconstrução do domínio da amizade e a reanálise semântica no domínio da alfândega. Trocando em miúdos: a expressão “Tudo joia?” é tão somente a pista linguística que conduz a dois contextos possíveis de significação. Entretanto, a opção por aquele que não é considerado o contexto preferencial (ou original) leva o ouvinte ao efeito cômico e, ainda, ao estereótipo do português “burro”.

Observe, no entanto, as seguintes variações para o desfecho do mesmo chiste:

- (a.1) — Tudo joia?
— Tudo. Tudo diamante.
- (a.2) — Tudo joia?
— Tudo. Metade diamante, metade esmeralda.
- (a.3) — Tudo joia?
— Não. Metade é açúcar.

Nos dois primeiros exemplos, mantém-se a segmentação da expressão formulaica ‘tudo joia?’ que, a rigor, não permitiria análise semântica no esquema comunicativo 1 (EC1), compreendendo-se ‘tudo’ como uma dêixis implícita e diamante ou esmeralda, completando o paradigma de atributo. Tanto em (a.1) quanto em (a.2) é resguardado o espírito de transgressão ao esquema comunicativo da alfândega, o que provoca o chiste. Já em (a.3), mesmo havendo a segmentação da expressão, o que leva à dupla interpretação, o chiste é mais fraco, uma vez que não afeta em nada o EC1. Há, certamente, um não-deslocamento para o esquema da alfândega, mas a função atributo ‘açúcar’ não altera as conseqüências pragmáticas da cena.

Considere, ainda, a seguinte possibilidade de variação:

- (a.4) A grã-fina chega ao cabeleireiro que, com sua simpatia, pergunta:
— Tudo joia, querida?
— Tudo não. Metade é bijuteria.

A semelhança entre o chiste em (a) e o chiste em (a.4) está no fato de que os dois tornam-se eventos de autotraição, isto é, são performados aqui o que Freud chama de atos falhos, em alemão, *Verfehlung*, ou o que chamamos lapsos ou esquecimentos. Um lapso se configura como involuntário, perturba, como uma revelação indiscreta ao outro (FREUD, 1959, 402). Ninguém duvida de que nos exemplos acima tenha acontecido um lapso. Pego no

pulo, no flagra, com a mão na massa. Um lapso nos deixa sem graça. E, no entanto, segundo Freud, “pela porta do lapso saiu a verdade”, a pessoa põe toda a alma no que diz.

No exemplo abaixo, observamos um outro tipo de expressão idiomática, o bordão:

(b) **Olha a Mangueira**

Semana Santa, o sujeito no maior porre na porta de um boteco vê a procissão passando, carregando uma Santa num andor todo verde e rosa, e berra:

— **Olha a Mangueira aí, gente!**

Enfezado, o padre vira-se para o bêbado e esbraveja:

— Mas que falta de respeito, seu excomungado! Sai fora!

Nem bem acabou de falar, a Santa bate num galho de uma mangueira, cai e se espatifa no chão.

E o bêbado:

— Bem que eu avisei!

Configura-se uma típica cena de cidades do interior — procissão, fieis, padre e coroinhas carregando o andor com uma santa. Ainda temos o bêbado, figura estereotipada, como aquele a quem não se deve atribuir crédito. Dessa forma, temos o primeiro modelo cultural constituído, com duas cenas mais particulares, da procissão e do bêbado, ambos, por princípio, desempenhando papéis em oposição.

Da fala do bêbado, “Olha a Mangueira aí, gente!”, e também das cores da santa, verde e rosa, evoca-se um novo domínio, dos desfiles de escola de samba no Rio de Janeiro, mais especificamente o desfile da Mangueira, escola de tradição no carnaval carioca, cujo bordão, usado quando entra na avenida para desfilar, é o gritado pelo bêbado. Dados esses dois domínios mais estáveis, e marcadamente opostos, a procissão como representante do sagrado e a folia de Momo, do profano, temos reforçados os papéis das diferentes *personas* na cena.

Contudo, apresenta-se uma quebra nessa narrativa, uma vez que o que seria um comentário jocoso do bêbado sobre as cores da veste da santa, sentido esse construído a partir do conhecimento compartilhado do bordão mangueirense, torna-se tão-somente um aviso de precaução, o que não se espera, pelo senso comum, que um embriagado tenha a noção de perigo.

Ao mimetizar o bordão, o bêbado profana o culto à santa, vestida de verde e rosa com o propósito de entrincheirar a interpretação do padre numa única direção: o bêbado estaria carnavalizando a imagem, como se ela fosse, talvez, um destaque de carro alegórico. Tal entrincheiramento somente se completa por meio dos traços prosódicos que replicam a caricatura melódica dos puxadores de samba mangueirenses, no momento do grito de guerra. Se a piada fosse lida, a palavra “Mangueira”, escrita com inicial maiúscula, anteciparia o *construal* do bêbado que se restringe, a princípio, à escola de samba.

Vamos ver na representação esquemática o *clash* entre os MCIs, colocados como espaços-fonte 1 e 2 e a estrutura que emerge no espaço-mescla:

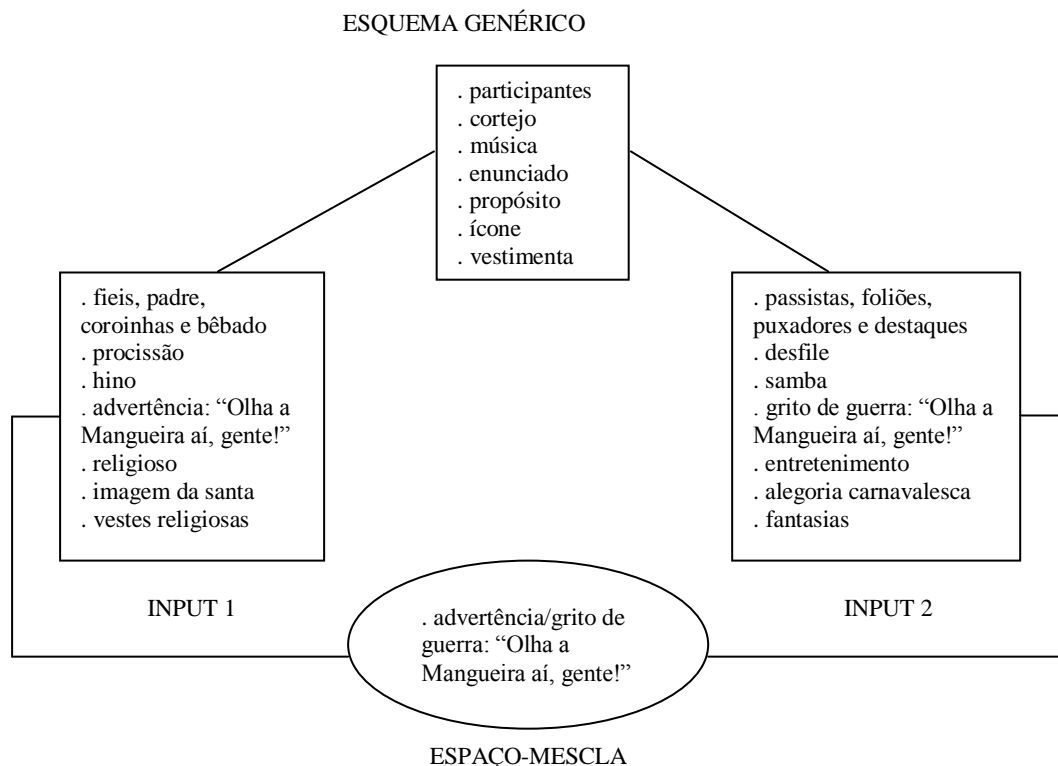


Diagrama 5 – Mesclagem “Olha a Mangueira aí, gente!”

Observemos que se, de fato, fosse enunciado um simples aviso, o chiste não se realizaria:

(b.1) Olha a **árvore** aí, gente!

Se substituirmos o item lexical “Mangueira”, que nesse contexto nos orienta para a interpretação de escola de samba, por seu hiperônimo “árvore”, não temos a piada. Na verdade, qualquer violação do idiomatismo, seja de ordem fonológica, morfológica ou sintática, desfaz o efeito humorístico, evidenciando-se, assim, a necessidade do pareamento da forma com o significado.

Cotejando-se (b) e (b.1), mais uma vez entendemos que o chiste depende não só do deslocamento entre domínios que, nesse caso, é permitido pela polissemia de “Mangueira”, mas também da transgressão de uma ordem sociocultural mais estável.

Nos exemplos anteriores, tivemos a construção de dois MCIs em *clash*, a partir da alternância entre as leituras composicional e idiomática. Diferentemente, o exemplo abaixo

encerra um *clash* entre elementos do mesmo MCI, mais especificamente entre a perspectiva do comprador e do vendedor. Vejamos:

(c) **Feira de Burros**

O caipira encontra-se com seu compadre:

— E então, compadre, ouvi dizer que tu 'tá querendo vender o seu burro!

— Tô sim, compadre! Quero mil e duzentos reais!

— Mil e duzentos? 'cê tá maluco! Dou setecentos **no pau!**

— Nada feito... Só vendo se for o burro inteiro!

O título “Feiras de burros” dispara um modelo cognitivo idealizado de COMÉRCIO, uma situação em que comprador e vendedor negociam e realizam a troca de dinheiro por mercadoria, com pagamento direto ou financiado. Temos aí os seguintes elementos nucleares: comprador (“compadre”), vendedor (“caipira”), produto (“burro”), preço (“mil e duzentos reais”). Não menos relevante é este outro elemento não-nuclear: modalidade (“no pau”).

A construção acima em destaque, “**no pau**”, dado o contexto em que se enuncia, preferencialmente deve ser sintaticamente analisada como um sintagma preposicional (SPrep), cuja função de adjunto adverbial diz respeito à forma de pagamento (ou seja, à vista). Todavia, observamos que o caipira entende essa expressão como meronímia, quer dizer, considerou a hipótese de que o compadre gostaria de comprar apenas um pedaço de seu burro, o “pau” (que por si só já é uma metáfora), colocado em oposição a “inteiro”. Em termos gramaticais, na segunda interpretação, “**no pau**” seria um objeto indireto.

Assim, o *clash* entre os elementos do mesmo MCI se dá por divergência de focalização. Enquanto o compadre (comprador) tem como foco um elemento não-nuclear, a modalidade de pagamento, subfocalizando o produto, o caipira (vendedor) faz o contrário, focaliza um elemento nuclear do MCI (“pau/burro”). O efeito humorístico se completa porque imaginar a divisão do produto “burro” é absurdo; portanto, temos também uma interpretação pragmaticamente inadequada.

Conjugando as três piadas discutidas anteriormente, podemos induzir que a contraparte crucial para o estabelecimento do riso tem a ver com o comportamento “inocente”⁶ dos personagens estereotipados. O português, o bêbado e o caipira promovem a

⁶ Fillmore (1979, 2) propõe a idealização de um falante/ouvinte inocente, que “conhece morfemas de sua língua e seus significados, reconhece as estruturas gramaticais e os processos dos quais esses morfemas tomam parte e conhece a importância semântica de cada um deles. Como um decodificador ou ouvinte, o usuário inocente das línguas calcula o significado de cada sentença a partir do que ele sabe sobre as partes da sentença e sua organização. [...] Como um codificador ou falante, o usuário inocente da língua decide o que seus interlocutores gostariam de fazer, sentir, acreditar e controir uma mensagem que expressa aquela decisão tão diretamente quanto possível. Não existem camadas de inferência entre o que é dito e o que se quer dizer.”

leitura componencial de expressões (mais ou menos) convencionalizadas a partir do pré-enquadre idiomatizado fornecido pelos outros participantes da cena.

5) Considerações finais

*Rir é o melhor remédio.
Ditado popular*

Abrimos esse trabalho pleiteando que as piadas exigem operações cognitivas sofisticadas para serem produzidas e compreendidas. De fato, pudemos observar que vamos além do efeito surpresa e do restabelecimento da coerência, como afirma Koestler (1964).

Depreendemos que a ambiguidade é um traço inerente ao chiste e que o processo cognitivo da mesclagem exerce papel fundamental na construção de seu efeito cômico. A mesclagem é uma moldura teórica que explora a integração da informação humana. Envolve uma série de operações que combinam modelos cognitivos dinâmicos em uma rede de espaços mentais ou compartilhamento de representações referenciais dos falantes. Fauconnier e Turner (2002) sugerem que um pequeno conjunto de processos parcialmente composicionais opera na construção criativa do sentido em analogia, metáfora, contrafactualidade, combinação conceptual e até mesmo na compreensão de construções gramaticais. O processo de mesclagem depende centralmente do mapeamento de projeções e da simulação dinâmica para desenvolver a estrutura emergente e para proporcionar novas redes conceptuais, envolvendo a criação de inferências, reações emocionais e força retórica.

No humor verbal, especificamente nas piadas colhidas como representativas do objeto de estudo recortado, temos domínios sobrepostos que se confundem, no caso, pela segmentação/desconstrução de uma expressão linguística. Contudo, ainda percebemos que a mesclagem não é condição suficiente para o estabelecimento do chiste. Observamos que, mesmo nos casos em que temos uma interpretação pragmaticamente inadequada para o esquema comunicativo preferencial, há gradações do efeito cômico entre as variações das piadas. É necessário, ainda, que haja uma transgressão a um padrão social, moral, religioso etc. àquele mesmo esquema. Também é essencial para o sucesso do humor a escolha precisa da expressão verbal utilizada, evidenciando-se a importância do pareamento de forma e significado para a construção do sentido.

Embora as implicações sociais das afirmações feitas em piadas sejam “mudas”, o conteúdo da estrutura emergente de mesclas humorísticas é importante. O modo como o humor incorpora valores é convidando o leitor/ouvinte a construir um enquadre particular de

um evento corrente. Em virtude de nossas construções particulares desses eventos em curso derivarem da nossa significação social dos amplos modelos culturais que elas evocam, os enquadres implicitamente reforçam o *status* desses modelos como fontes interpretativas. O nosso esforço é perceber a força de tais modelos e dos outros que emergem para que se realize a nova interpretação e surja o humor.

Podemos comparar a construção de piadas, as quais tomamos como pequenas narrativas (talvez a anedota seja uma unidade ficcional mínima), com a Teoria do Conto proposta por Ricardo Piglia (1992), escritor argentino, em seu livro *O laboratório do escritor*. Esse livro é uma introdução às posições teóricas de Piglia, constituído de pequenos ensaios e entrevistas. Em um desses ensaios, o autor trata da teoria de construção do conto. Ele afirma — aqui em uma versão bastante resumida — que, em um conto, há sempre duas histórias sobrepostas, a história 1, que é narrada como história principal, e a história 2, subjacente à primeira, que aparece ao final, surpreendendo o leitor, e obrigando-o a uma nova construção de sentido. Não nos parece diferente da construção de piadas apresentada aqui: duas molduras comunicativas sobrepostas, sendo uma tomada como interpretação preferencial, e a segunda emergindo da primeira como uma surpresa, fazendo com que o leitor/ouvinte, empreenda uma reanálise semântica.

Mais uma vez, pode-se dizer que, a despeito de sua simplicidade, os chistes abrem grandes espaços para a sofisticação. Que o chiste, com seu charme indiscreto, permita-nos a graça, permita-nos um lugar de resistência e de cordialidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2002.

COULSON, Seana. The Menendez Brothers Virus: analogical mapping in blended spaces. In: GOLDBERG, Adele. (ed.) *Conceptual Structure, Discourse, and Language*. Palo Alto, CA: CSLI, 1996, p. 67-81.

FAUCONNIER, Gilles.; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. Nova York: Basic Books, 2002.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles. Conceptual projection and middle spaces. UCSD Cognitive Science Technical Report 9401. Versão postscript disponível em [http:// cogsci.ucsd.edu](http://cogsci.ucsd.edu) ou

<http://www.informumd.edu/EdRes/Colleges/ARHU/Depts/English/englfac/MTurner/>, 1994.
Acesso em: 20 ago. de 1999.

FILLMORE, Charles L. *Innocence: a second idealization for Linguistics*. Califórnia, EUA, 1979. 14f. Mimeografado.

FITCH, Kristine. Text and context: a problematic distinction for ethnograph. In: TRACY, Karen (ed.). *Research on language and social interaction*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998, pp. 91-107.

FREUD, Sigmund. [1901]. *Psicopatologia da vida cotidiana*. trad. Elias Davidovich. Rio de Janeiro: Delta, 1959, v. IV.

GOODWIN, Charles.; DURANTI, Alessandro. Rethinking context: an introduction. In: DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles. (eds.), *Rethinking context: language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 1-42.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

PIGLIA, R. *O laboratório do escritor*. São Paulo: Iluminuras, 1992.

TURNER, Mark. *The literary mind*. New York: Oxford University Press, 1996.

SALOMÃO, Margarida. M. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. *Veredas; revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, 1, 1, 23-39, Julho/Dezembro, 1997.

SALOMÃO, Margarida. M. O processo cognitivo de mesclagem na análise linguística do discurso. Projeto integrado de pesquisa do grupo Gramática, Cognição e Interação. Juiz de Fora: UFJF, UFRJ e UERJ, 1999.